



Trabalho, Educação e Saúde

Com a palavra: os homens negros

SOUZA, Henrique R. C.; SOUZA, Rolf M. R. (org.). *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2024. 243 p.

Daniel de Souza Campos¹

A publicação do livro *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades* é bastante oportuna. Participam desta coletânea homens negros que se dedicam aos estudos das masculinidades negras, construções e particularidades na diáspora em distintas áreas do conhecimento, como ciências sociais, antropologia, geografia, psicologia, educação física, sociologia e jornalismo. Esses pesquisadores se vinculam às seguintes instituições: Celso Suckow da Fonseca (Centro Federal de Educação Tecnológica, CEFET-RJ); Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); Universidade de São Paulo (USP); Instituto Federal Fluminense (IFF) e, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul (PUC-RJ/PUC-RS).

Com uma escrita fluida e didática, os autores trazem importantes provocações sobre como, no atual cenário, ocorrem a segregação e a desqualificação dos homens negros no Brasil, tendo como um dos efeitos a hiperssexualização heteronormativa, em um flagrante processo de animalização dessas performatividades. Como o racismo é base componente da ordem capitalista, a desumanização do homem negro precisa ser manejada e, para

RESENHA

<https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs3693>

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, Departamento de Fundamentos do Serviço Social, Rio de Janeiro, Brasil.
d.campos@ess.ufrj.br



isso, criam-se formas legitimadas de controle dos corpos e das subjetividades, operadas desde o período da escravidão. Assim, por trás das fatalidades geradas pelo racismo e pela violência estrutural, podemos sinalizar que existe um projeto que não autoriza os homens negros a serem diversos. Apesar de sermos muitos e, portanto, diversos, o homem negro é sistematicamente retratado de maneira homogênea pelas produções acadêmicas e pelos meios de comunicação: heterossexual (mulherengo), desertor (das responsabilidades como pai e companheiro), perigoso, marginal e violento.

Partindo de reflexões teóricas e de sistematizações de experiências pessoais, a coletânea é composta por oito capítulos, organizados em uma única parte. O primeiro capítulo, “O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço”, oferece uma análise instigante sobre masculino, virilidade e mestiçagem. Para o autor, o desempenho da virilidade por parte dos homens negros pode ser considerado um grave problema para o domínio masculino branco, ainda mais se os códigos viris empregados por eles estiverem em prol de sua coletividade, família, vizinhos, comunidade e povo.

Ao abordar a “Hiperssexualização, autoestima e relacionamento inter-racial”, o autor parte das suas experiências para ressignificar formas de ser um homem negro no mundo e, sobretudo, questionar as estruturas vigentes, a branquitude e o racismo estrutural. Nesse sentido, o autor aponta que num país racista como o Brasil, muitos homens negros querem se encaixar para tentar amenizar a dificuldade que é re(existir) corpo negro no mundo.

“Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta” encontra-se ancorado na experiência de corpos negros homossexuais. Com uma escrita pulsante e necessária, o autor consegue posicionar a existência da bixa preta num mundo que quer exterminá-la. Logo, a vida da bixa preta “é semente de um mundo povir e granadas para a destruição do mundo atual” (Souza e Souza, 2024, p. 130).

“Pensando as Transmasculinidades negras” oferece, por meio das experiências vividas pelo autor, um convite para os homens negros trans a repensarem e reconstruírem seus corpos e masculinidades, rompendo com as normas instituídas, evidenciando possibilidades outras de existir e ser respeitado dentro das corporalidades negras.

“O corpo do homem negro e a guerra dos sexos no Brasil” traz reflexões sobre a importância de incluir a raça em perspectivas *queer*. Para o autor, essa é uma abordagem fundamental para desafiar a política de produção, circulação e consumo de conhecimento e ativismo *queer* ao longo dos eixos globais Norte e Sul, e na América do Sul.

“Per-vertido homem negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição” traz uma reflexão sobre ideias de categorias de existência e de performance: o pênis, o desejo sexual do outro, a vontade de prover e a violência, para posicionar o debate público sobre masculinidades negras, e como homens negros têm absorvido essa experiência.

O “Homem negro, corporeidade e saúde: perspectivas históricas e sociológicas” nos apresenta a relação dos homens negros com a saúde e como olham para si, partindo das perspectivas históricas pelas quais alguns povos africanos entendiam seus corpos no período pré-colonial, passando pela ruptura dessas visões provocada pela escravidão e o lugar reservado à saúde do homem negro nas políticas brasileiras de saúde.

“MilTons: múltiplas trocas em tom de conversa” faz uma análise do grupo de homens que pensa masculinidades negras. Para isso, apresenta os resultados das 11 entrevistas realizadas com os participantes do grupo MilTons, a fim de revelar a experiência de estar envolvido com o grupo.

Da leitura desta coletânea, pode-se apreender sobre a preocupação dos autores em demonstrar a importância do diálogo com perspectivas que versam sobre homens e masculinidades negras, interseccionados por raça, gênero, sexualidade, classe social, identidade de gênero; interrelacionados com violência, trabalho, afetividade e performatividade. Para, com base nessas problematizações, promover um debate centrado em intersecções e na forma como as masculinidades negras são construídas em (e por) relações e dispositivos institucionais, em uma sociabilidade marcada pela estruturação colonial,

branca e cisheteropatriarcal. Tendo em vista o cenário político nacional e internacional que explicita o genocídio dos homens negros, a leitura da coletânea potencializa discussões teóricas, epistemológicas, políticas, éticas e metodológicas sobre os riscos de retrocessos iminentes neste cenário, mas também estratégias de resistência que têm sido empreendidas.

Central nessa coletânea reside a urgência de postularmos a necessidade de espaços de troca e sistematização crítica do debate sobre os homens negros (cis ou trans) e as masculinidades (em suas diversas dimensões e expressões de poder), nas esferas públicas e privadas, como forma de consolidar este campo de produção pelo resgate de trajetórias históricas e pela identificação de outros e novos sujeitos, potencializando encontros, desafios, descobertas e questionando as estruturas que insistem em aprisionar, exterminar e (in)visibilizar os homens negros (Campos, 2022).

Sem cair em estereótipos que aparecem todos os dias nos veículos de comunicação, os autores nos levam a considerar a complexidade dos homens negros, das masculinidades, da sexualidade e da saúde. Leva-nos a pensar que, se, por um lado, a literatura aponta para a complexa relação entre gênero e os processos de saúde e adoecimento, por outro, a perspectiva interseccional amplia esse debate ao demonstrar como o entrecruzamento de marcadores sociais como classe, cor ou raça, idade, território, orientação sexual e identidade de gênero é igualmente importante para a compreensão das questões da saúde do homem, implementação de políticas e organização de serviços.

Diante do exposto, faz-se importante a construção e apresentação de uma reflexão teórica acerca dos impactos gerados pela expressão do racismo na saúde do homem negro, em seus aspectos sociais, econômicos, ideológicos e culturais, que possam respaldar as discussões e as ações educativas e ou assistenciais a serem desenvolvidas para estes sujeitos.

Sendo assim, acredito que esta coletânea indica um movimento de abertura, um convite (urgente e necessário!). Ele inicia um caminho crítico e convoca-nos para analisar as trajetórias e experiências dos homens negros na diáspora. Assim, suas indagações e considerações são, portanto, incentivos para promover reflexão, compreensão e novos modos de fazer uma história viva feita por homens negros senhores de si. O recado é simples, todavia o caminho é complexo, mas necessário para posicionarmos as masculinidades negras nos itinerários do cuidado.

Boa leitura!

Referência

CAMPOS, Daniel S. Masculinidades negras: entre o tema e o mito do homem criminoso. *In*: SARAIVA, Vanessa C. S.; SANTOS, Nágila O. (org.). *Serviço social e práticas antirracistas*. Quissamã: Revista África e Africanidades, 2022. p. 93-110.